

“A vistosa vestimenta vegetal do Brasil”: Maria Graham e as representações da natureza tropical no século XIX

“The gay vegetable dress of Brazil”: Maria Graham and the representations of tropical nature in nineteenth-century

Maria Angélica Zubaran

Resumo

O presente trabalho busca interpretar as representações visuais e textuais da artista e naturalista amadora Maria Graham sobre a natureza brasileira nos dois últimos anos de sua estadia no Brasil, entre 1824 e 1825, de forma a investigar o papel da História Natural na expansão imperialista britânica, assim como na constituição de uma geografia imaginativa do Brasil centrada na noção de uma natureza tropical.

Palavras-chave: representações visuais, história natural, natureza tropical.

Abstract

This paper seeks to interpret the visual and textual representations of the artist and amateur naturalist Maria Graham about Brazilian nature in the last two years of her stay in Brazil, between 1824 and 1825, so as to investigate the role of Natural History in British Imperial expansion, as well as in the production of an imaginative geography of Brazil focused on the notion of a tropical nature.

Key words: visual representations, natural history, tropical nature.

No presente trabalho, proponho-me investigar a contribuição de Maria Graham (1785-1842) à História Natural, entre os anos de 1824 e 1825, últimos anos de sua estadia no Brasil, através da interpretação de algumas de suas ilustrações botânicas e das representações textuais sobre a natureza brasileira expressas na correspondência trocada com o naturalista inglês William Hooker, professor de botânica da Universidade

de Glasgow, posteriormente diretor do Kew Royal Botanic Gardens de Londres (de 1841-1865). Compartilho com Luciana Martins do pressuposto de que a obra de Maria Graham sobre o Brasil deve ser interpretada enquanto representações textuais e visuais, incluindo além de seus relatos de viagem a sua iconografia da paisagem e suas ilustrações botânicas. (MARTINS, 2001, p.166). Trata-se ainda, de examinar as represen-

Maria Angélica Zubaran é Doutora em História pela State University of New York (SUNY) em Stony Brook, USA. Professora do Curso de História da ULBRA.

Endereço para correspondência: mariazubaran@yahoo.co.uk

Textura	Canoas	n. 11	janeiro/junho 2005	p.57-63
----------------	--------	-------	--------------------	---------

tações iconográficas e textuais da natureza de Maria Graham à luz do imperialismo britânico do final do século XVIII e início do século XIX, de forma a investigar o papel da História Natural na expansão imperialista britânica, assim como na constituição de uma geografia imaginativa para o Brasil centrada na noção de uma natureza tropical. Os geógrafos culturais têm utilizado o conceito de geografia imaginativa para expressar a idéia de uma natureza tropical como uma “outra” em relação à paisagem doméstica e temperada européia. Para Luciana Martins, a geografia imaginativa dos trópicos foi registrada pelos viajantes europeus durante suas viagens, em um amplo e heterogêneo arquivo de desenhos, pinturas, mapas, diários e cartas, do final do século XVIII ao início do século XIX. (MARTINS, 2004, pp. 72-74)

Até o presente momento, as pesquisas sobre a viajante inglesa Maria Graham, detiveram-se na análise de seus relatos de viagem sobre o Chile (Mary Louise Pratt) ou restringiram-se à interpretação de seu Diário de Viagem sobre o Brasil (June Hahner, Sandra Vasconcelos, Maria Angélica Zubaran) relegando os dois últimos anos de sua estadia no Brasil, respectivamente, os anos de 1824 e 1825, ao anonimato. No entanto, é precisamente durante esses dois últimos anos no Brasil, após deixar sua posição como governanta da princesa Maria da Glória, que Maria Graham irá dedicar-se integralmente à tarefa de registrar a natureza dos arredores do Rio de Janeiro para as audiências européias, coletando e desenhando espécimes botânicas, pintando paisagens e escrevendo a partir de sua pequena casa, no Vale das Laranjeiras, como era moda entre os artistas-viajantes da época. (BELLUZZO, 1999, p. 19)

As representações botânicas de Maria Graham produzidas no Rio de Janeiro evidenciam as práticas culturais dos artistas e naturalistas europeus no “Novo Mundo”, catalogando a natureza tropical para a comunidade científica européia no final do século XVIII e primeira metade do século XIX. Neste sentido, suas ilustrações botânicas serão interpretadas, não no seu sentido mimético mas, na perspectiva da Geografia Cultural, como representações culturais da natureza, reveladoras dos significados que os grupos humanos atribuem aos lugares que o circundam. (COSGROVE, 2003, p. 137)

De acordo com Nancy Stepan, a idéia de uma natureza tropical como um tipo particular de lugar com seus conjuntos de plantas e animais característicos, representados através de um repertório de imagens que imediatamente se identifica como tropical é um produto da modernidade que pertence ao pós-iluminismo, mais especificamente, ao século XIX. (STEPAN, 2001, P.19) Para a autora, é especialmente com a viagem do Capitão Cook para o Pacífico, no final do século XVIII, que inicia-se a pintura das paisagens tropicais e o interesse pelos seus objetos naturais para a investigação artística e científica no novo mundo. Os movimentos de independência na América, no início do século XIX, tiveram um efeito similar abrindo as regiões tropicais para a redescoberta da América. Nesta época, a distinção entre o que era tropical e o que não era ganhou materialidade, representação e significados simbólicos. A nova terminologia dos trópicos emergiu designando um amplo espaço e um tipo particular de natureza radicalmente diverso do mundo temperado, onde a superabundância da natureza superava as realizações humanas reduzindo essas regiões somente à natureza. Meu objetivo é, pois, investigar em que medida as ilustrações botânicas de Graham articulam-se com suas representações textuais sobre a natureza e contribuem para estruturar uma determinada percepção dos ‘trópicos’ dotando a natureza brasileira de significados específicos.

Sabemos que as representações dos viajantes europeus sobre o Brasil na primeira metade do século XIX, exerceram um papel importante na produção de identidades nacionais e internacionais. (KURY, 2001, p. 59) Era de fora que se definia a nação que nascia, era o olhar do viajante naturalista europeu que organizava para olhos nativos a própria paisagem. (SÜSSEKIND, 2000, pp. 39-40) Por outro lado, ao mesmo tempo que buscavam definir uma identidade para a sociedade brasileira, os viajantes reforçavam, por oposição, sua própria identidade como europeus. Neste sentido, as representações textuais e iconográficas da viajante Maria Graham sobre a natureza brasileira assumem o papel de porta de entrada aos Brasis imaginários oitocentistas, contribuindo com uma estrutura de signos e símbolos de referências para a construção de identidades para europeus e não-europeus.



Embora o imperialismo britânico no Brasil tenha ocupado um papel mais sistemático somente na segunda metade do século XIX, já na primeira metade do século XIX, a influência comercial e cultural inglesa havia penetrado e alterado o estilo das famílias aristocráticas e burguesas de diversas formas, particularmente no Rio de Janeiro. No início do século dezanove o porto do Rio de Janeiro tornou-se cada vez mais importante para os interesses estratégicos britânicos, tanto pela sua posição geográfica nas rotas transatlânticas, que favorecia a expansão britânica na Índia e a colonização na Austrália, como pela facilidade de acesso a serviços e produtos necessários para reparos e provisões nas viagens transatlânticas. (MARTINS, 2001, p. 535) Em 1808, o Rio de Janeiro passa a ser uma base naval da Marinha Britânica na América do Sul, possuindo uma esquadra de navios e uma base de operações para proteger e dar suporte à expansão dos interesses marítimos e comerciais britânicos nesta região, policiando os mares contra pirataria e mapeando a costa para obter informações seguras que facilitassem a navegação britânica na área. É neste sentido, que capitães da marinha britânica, como Thomas Graham, esposo de Maria Graham, foram designados para percorrer a costa da América do Sul e explorar as oportunidades comerciais do recém independente litoral do Atlântico Sul. No início do século XIX, o intenso desenvolvimento comercial e a entrada de estrangeiros no Rio de Janeiro, comerciantes, cientistas, artistas, diplomatas, especialmente da Inglaterra, dava à cidade um ar cosmopolita e paralelamente europeizava hábitos e costumes da elite brasileira oitocentista.

MARIA GRAHAM E A HISTÓRIA NATURAL NO RIO DE JANEIRO

Os viajantes-naturalistas que visitaram a América do Sul na primeira metade do século XIX constituíram-se em elos importantíssimos entre as metrópoles europeias, particularmente Inglaterra e França e suas colônias, entre os lugares ditos “exóticos” e os museus e jardins botânicos europeus, particularmente, o Museu de História Natural de Paris e o Kew Gardens

de Londres. A missão desses viajantes-naturalistas a serviço da ciência européia era observar e catalogar a natureza desconhecida dos trópicos, recolhendo informações e revelando as plantas úteis para a medicina e a indústria européias.

A coleção de mais ou menos 200 ilustrações botânicas de Maria Graham de plantas coletadas ao redor do Rio de Janeiro, pertence ao acervo do Jardim Botânico Kew Gardens de Londres e constitui-se de ilustrações científicas que eram fundamentais na tarefa de catalogação dos espécimes botânicos pelos naturalistas europeus na primeira metade do século XIX. Maria Graham, como os demais naturalistas da primeira metade do século XIX, utilizou a nomenclatura do sistema classificatório binominal do naturalista sueco Lineu, no qual cada espécie recebia um nome genérico e um nome específico em latim. A ciência da botânica, na perspectiva utilitarista da expansão imperial britânica estava simultaneamente orientada pela curiosidade e pela utilidade econômica das espécies botânicas. A descoberta de um exemplar raro e a transferência das plantas úteis, milhões de sementes e espécimes secas de uma região para outra através do mundo, particularmente, para os portos britânicos, era a tarefa fundamental da História Natural européia no século XIX. David Mackay argumenta que, muitos desses naturalistas coletores eram parte de uma complexa rede de intercâmbio de plantas com o objetivo de fortalecer e racionalizar os recursos econômicos do Império Britânico. (MACKAY, 1996, p. 47) Observar, quantificar e classificar eram as atitudes iniciais apropriadas para os naturalistas coletores revelarem os mistérios do mundo natural para estudo posterior na Europa. Entre os coletores havia desde aqueles patrocinados pelos Estados e instituições de pesquisa europeias até os naturalistas amadores que coletavam com recursos próprios. Maria Graham foi um desses naturalistas amadores que enviou ilustrações botânicas, sementes e espécimes secas para Grã-Bretanha, particularmente, para William Hooker em Glasgow, na Escócia, com quem se correspondeu enquanto realizava as coletas no Rio de Janeiro, entre os anos de 1824 e 1825.

As ilustrações botânicas de Maria Graham evidenciam seu interesse pelas espécies exó-



ticas ainda desconhecidas na Europa e por aquelas que pudessem ser úteis ao desenvolvimento econômico britânico. Na ilustração que segue, Maria Graham anota no lado direito da planta: “nova, sem nome em 1824, espécime seca dada para o Dr. Hooker de Glasgow”. A aquisição de espécies raras ganhava importância no momento em que na Europa o ajardinamento das propriedades rurais estava em alta e era uma expressão material do poder e do status das elites britânicas aristocráticas. Frequentemente, os compradores dos novos espécimes de plantas exóticas vindas da América eram os membros da aristocracia britânica. Na ilustração desta planta ainda sem nome, Graham registra também uma borboleta colorida, outro atrativo das regiões tropicais para as audiências européias. A natureza tropical brasileira passou a ser identificada na Europa também pela variedade de insetos e pássaros e pela riqueza das cores de seus lepidóteros.



Ilustração da Begônia

Esta perspectiva utilitarista da botânica britânica, particularmente, o interesse dos naturalistas pelas plantas com possíveis aplicações industriais manifesta-se na ilustração do Melão de São Caetano, onde Graham anota: “As folhas desta planta são usadas no Rio pelas lavadeiras para lavar o linho” e desenha sobre o galho da planta um gafanhoto, indicando mais uma vez que a produção da natureza tropical estava também associada a variedade de insetos exóticos encontrados no Brasil.

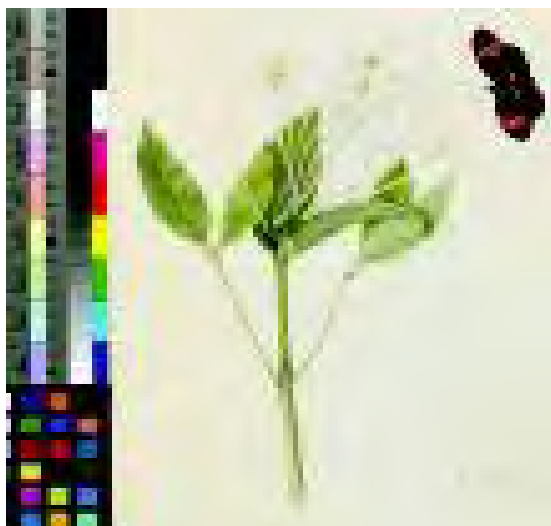


Ilustração da flor nova

O interesse utilitarista da botânica britânica por plantas medicinais no início do século XIX é evidente tanto nas ilustrações botânicas de Graham quanto na sua correspondência com William Hooker. Na ilustração de uma Begônia, Graham anotou ao lado: “Chamada no Rio Cinque Folha é usada especificamente para doenças de pele e úlceras de todas as feridas e acredita-se ser ao mesmo tempo sulfura e mercúrio”.



Ilustração do chamado Melão de São Caetano

Desenhar flores e frutos de espécimes raras era um momento muito esperado pelos naturalistas coletores europeus que nem sempre tinham a oportunidade de acompanhar a floração das plantas, o que de certa forma tornava suas informações botânicas incompletas. Na correspondência

com William Hooker Graham expressa a importância para um naturalista de presenciar a floração de uma planta desconhecida. Diz ela:

Perto de minha casa encontra-se a maior árvore das proximidades do Rio de Janeiro, os nativos a chamam Jequitiba e é preferida a todas as outras para fazer mastros de navios. Ela cresce até 100 metros de altura (...) Por sorte está agora florescendo e embora se pensasse ser impossível pegar uma flor um amigo com grande paciência conseguiu um galho para mim o qual estou secando depois de desenhá-lo cuidadosamente. O aroma da flor é delicioso e perfuma todo o vale. (Cartas, 30, jan. 1825)



Ilustração das flores do Jequitibá

As anotações que Graham faz abaixo da ilustração das flores da Árvore de Jequitibá evidenciam o interesse da botânica britânica direcionado para a construção naval: “Essa árvore cresce a um tamanho prodigioso e é preferida pela maioria dos carpinteiros devido a sua altura e elasticidade para fazer mastros de navios”. As grandes árvores brasileiras parecem ter exercido forte impacto na imaginação dos viajantes britânicos. A fala que segue, de Maria Graham com o botânico Inglês William Hooker, sobre a natureza ao redor de sua casa no Vale das Laranjeiras, deixa entrever seu encantamento com a variedade e diversidade da natureza tropical brasileira, destacando, particularmente, a grande árvore do Alho como uma das árvores mais interessantes das matas do Rio de Janeiro. A autora inicia dizendo:

O que vou contar lhe dará inveja: Em primeiro

lugar, minha casa é conhecida pela árvore de Cratoeva, ou Árvore do Alho, a maior e mais perfeita que eu jamais vi, embora ainda não tenha florescido - em volta dela, além do café, do algodão, do Bombax, nozes e Tilândrias azuis e vermelhas, uma meia dúzia de tipos de cactus tão diferentes quanto possível e as Samambaias tão curiosas e diferentes das nossas - e então as borboletas e os gafanhotos e criaturas de todos os tipos e os pequenos beija-flores brincando ao redor...Espero poder vê-lo brevemente e falar-lhe mais sobre a vistosa vestimenta vegetal do Brasil. (Cartas, 30 jan.1825)

Quando descreve a Árvore do Alho para William Hooker, compara-a ao Olmo inglês e revela a troca de conhecimentos botânicos com os negros escravos dos arredores do Vale das Laranjeiras:

Uma das árvores mais interessantes pertencentes às matas do rio é a árvore de Alho, cujo nome botânico me é desconhecido ; cresce até uma altura muito grande e, à distância tem a aparência de um enorme Olmo, ... Toda a árvore, após uma pancada d’água, cheira a alho fresco. A casca é a parte mais picante da árvore e é usada para temperar pratos, em vez da raiz de alho. Além disso, os negros a consideram um filtro poderoso, e, frequentemente roubam um pedaço da madeira quando, em qualquer ocasião, o patrão ou feitor ficam zangados, esperando introduzi-lo sorrateiramente em algum prato da mesa deles. estão certos de que isto fará com que o chefe goste deles de novo. Esta noção, os negros sem dúvida trouxeram da África, onde a casca do Baobab, que também em cheiro de alho é usada para o mesmo fim supersticioso.(GRAHAM, 1997, p. 137)

O interesse de Maria Graham pelo conhecimento botânico dos escravos africanos é um aspecto que a diferencia dos demais naturalistas europeus comprometidos com o sistema classificatório totalizador de Lineu que, como afirma Mary Louise Pratt, desconsideravam o conhecimento do outro nativo sobre as plantas locais. (Pratt, 1999, pp. 66-67) Graham revela ainda, a utilização dos escravos no trabalho de coleta de espécimes botânicos. Diz ela: “A maneira que eu tento conseguir as plantas que eu não consigo sozinha é através dos negros.” (Cartas, 30 de Jan. 1825) Nesta mesma direção, é conheci-



da aquarela de Debret dos negros ajudantes dos naturalistas.

Tanto a descrição das flores do Jequitibá como a ilustração das flores da Árvore do Alho, evidenciam que não era somente o olhar do naturalista que registrava a paisagem natural, mas também o olfato que registrava o perfume das flores e plantas tropicais. O cheiro das plantas passava a ocupar lugar de destaque na representação britânica da paisagem dos trópicos. Junto a ilustração das flores da Árvore do Alho, Graham anota: Flor com forte cheiro de alho.

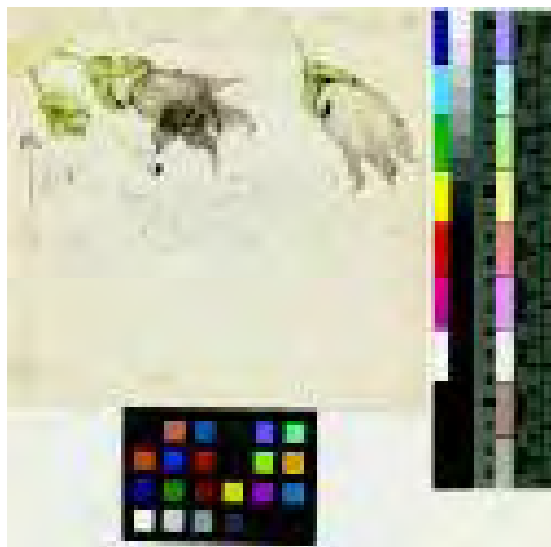


Ilustração das flores da Árvore do Alho

A correspondência de Maria Graham com W. Hooker evidencia ainda, a troca de informações e experiências entre os botânicos e coletores ilustres que passavam pelo porto do Rio de Janeiro em trânsito para outros lugares ou que partiam do Rio para viagens exploratórias pelo interior do Brasil. Entre eles podemos citar: George Langsdorff, cônsul da Rússia no Brasil, William Burchell, botânico e desenhista inglês, Henry Chamberlain, cônsul inglês no Brasil e David Douglas, botânico e coletor escocês, com quem Maria Graham tentou resolver algumas dúvidas botânicas no Rio de Janeiro.

Outro aspecto que emerge da correspondência de Maria Graham com W. Hooker é o dilema enfrentado pelos artistas naturalistas europeus que sem intimidade com o Novo Mundo sentem dificuldades para apropriarem-se da natureza brasileira que, pela sua exuberância e variedade, parecia-lhes inapreensível

nos referenciais científicos europeus. A solução era investigar com outros botânicos, o que nem sempre solucionava as dúvidas referentes as novas espécimes, conforme relata Graham:

Nas matas eu encontrei outro tipo de Bombax com pequenas flores laranjas e de enorme tamanho - os nativos a chamam Ubatão e ninguém no Rio de Janeiro a conhece, nem Langsdorff nem Frei Leandro nem William Burchell ... (Cartas, 28 de nov, 1825)

Sua correspondência com William Hooker revela ainda, as dificuldades encontradas pelos naturalistas no Brasil do século XIX para preservar as espécimes botânicas coletadas assim como para transportá-las para a Europa. Diz Graham:

As dificuldades aqui são grandes. Em primeiro lugar muitas das nossas plantas são de natureza que não secam, elas são muito polpudas e estas são as mais bonitas e estranhas em segundo lugar, o calor e a umidade do clima, especialmente nas épocas de floração, são muito contrárias ao sucesso - e o mofo é pior que os insetos... entretanto vou fazer o melhor possível. (Cartas, 30 de jan. 1825)

Graham relata também as dificuldades para secar espécimes botânicos devido à presença de inumeráveis insetos no país e pede a W. Hooker que aponte algum método para proteger as plantas dos insetos. Espalhados nas periferias do império Britânico, os naturalistas frequentemente registravam suas frustrações com o ambiente cultural a sua volta. Graham queixa-se que no Rio de Janeiro eram poucos os que se interessavam por botânica; destaca entretanto, a ajuda dos escravos no trabalho de coleta de espécimes botânicos. Diz ela: "As plantas que eu não posso conseguir sozinha eu as consigo através de um negro." (Cartas, 30 de jan. 1825) Nesta mesma direção, é bem conhecida a aquarela de Debret dos negros ajudantes dos viajantes naturalistas. Graham destaca ainda, a importância do cônsul britânico, Henry Chamberlain na preservação de espécimes botânicos no Rio de Janeiro. Assim comenta: "Ele tem um jardim no qual coloca tudo que consegue das matas e portanto possui condições de preservar raízes e sementes e prometeu tentar secar plantas". (Cartas, 30 de Jan. 1825)



Concluindo, se por um lado as práticas naturalistas de Maria Graham contribuíram na execução do projeto imperialista britânico de mapeamento das espécimes botânicas na América do Sul, catalogando e transferindo sementes e espécimes do Brasil para a Grã-Bretanha, por outro lado, suas anotações evidenciam que Graham transculturou-se durante os vários anos de residência intercaladas no Brasil e foi capaz de relativizar as orientações do discurso imperial reconhecendo o conhecimento botânico do outro nativo brasileiro, particularmente, dos escravos africanos e afro-brasileiros. A correspondência mantida com o botanista inglês William Hooker serve tanto como evidência do papel de destaque assumido pela botânica na expansão do imperialismo inglês no século XIX, como para reconstruir as especificidades e dificuldades do trabalho dos botanistas na primeira metade do séc. XIX no Brasil e revela ainda, uma extensa e variada rede de intercâmbio científico entre viajantes naturalistas europeus de várias partes do mundo que passaram pelo Rio de Janeiro na década de 1820.

Por outro lado, sua correspondência com o botânico William Hooker, revela-nos, no contexto de um discurso romântico e subjetivo, o papel que o estudo e a vivência da natureza tropical brasileira assumiram nos últimos anos de sua estadia no Brasil. Finalizo, portanto, com as palavras da própria Maria Graham, que sintetizam sua relação com as árvores e flores da natureza tropical brasileira. Diz ela: “Eu penso que amo as crianças ainda mais que as árvores, mas na desagradável situação em que me encontro no Brasil, as árvores e flores foram o recurso de maior valor que eu poderia imaginar”. (Cartas, 28 de nov. 1825)

Mulher estrangeira e viúva, com poucos recursos financeiros e enfrentando episódios de uma tuberculosa crônica, Maria Graham parece ter-se apropriado da “vistosa vestimenta vegetal do Brasil” como uma estratégia de sobrevivência. Em 1825 partiu do Rio de Janeiro definitivamente para Londres, onde veio a falecer aos 57 anos, em 1842.

REFERÊNCIAS

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos Viajantes*. São Paulo: Metalivros, 1999.

COSGROVE, Denis e Peter Jackson. “Novos Rumos da Geografia Cultural”. In: Roberto Lobato Correa, Zeny Rosendahl (Orgs). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

GRAHAM, Maria. *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina e Cartas Anexas*. Tradução de Américo Jacobina Lacombe. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1997.

HAHNER, June E. *Women Through Womens's Eyes: Latin American Women in Nineteenth-Century Accounts*. Wilmington, Delaware: SRBooks, 1998.

KURY, Lorelai. “Viajantes Naturalistas do Século XIX” in Paulo Roberto Pereira (org.), *Brasiliana da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Nova Fronteira, 2001.

MACKAY, David. “Agents of Empire: The Banksian Collectors and Evaluation of New Lands” in Miller, D. P. and P. H. Reill (eds.) *Visions of Empire: Voyage, Botany and Representation of Nature* (Cambridge University Press, 1996).

MARTINS, Luciana. *O Rio de Janeiro dos Viajantes: O Olhar Britânico, 1800-1850*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. “The Art of Tropical Travel, 1768-1830” in M. Ogborn and C. Withers (eds.) *Georgian Geographies*. Manchester: Manchester University Press, 2004.

_____. “Paradoxes of Modernity: Imperial Rio de Janeiro” [with Martha Abreu], *Geoforum* 32 (2001): 533-550.

PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. London and New York: Routledge, 1992.

STEPAN, NANCY. *Picturing Tropical Nature*. London: Reaktion Books, 2001.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil Não é Longe Daqui*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

VASCONCELOS, Sandra Guardini. “Independência e dependência: As viagens de Maria Graham no Brasil”, in Flávio Aguiar (org.), *Gêneros de Fronteira: Cruzamentos entre o Histórico e o Literário*. São Paulo: Xamã, 1997.

ZUBARAN, Maria Angélica. “Narrativas de Viagem de Maria Graham: Representações de Alteridade e Produção de Identidades no Brasil oitocentista” *Revista de Iniciação Científica da ULBRA*, n. 2, 2003.



